



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 67

## Desafiando as regras

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna.

Cê conhece aquela frase: "as regras foram feitas pra serem quebradas".

Se a gente pensar nessa frase ao pé da letra, ela não faz sentido nenhum.

É claro que as regras não foram feitas pra serem quebradas... as regras foram feitas pra serem obedecidas.

Pra ordenar as coisas, pra criar padrão.

Pra proibir algum comportamento que faz mal pros outros, ou que é perigoso...

Mas claro – a gente sabe – tem regra que já nasce arbitrária.

Regras que prejudicam algum grupo, ou que privilegiam outro.

Ou regras que alguém com um pouco de poder conseguiu emplacar – mas que não fazem sentido pra maioria das pessoas...

E tem também as regras que ficam caducas.

Que já fizeram sentido em algum momento, quando a configuração do mundo era diferente... e que depois elas simplesmente não precisam mais existir.

Tem regra implícita – que não tá em nenhuma constituição, em nenhum estatuto, em nenhum código – mas que é quase da ordem do bom senso...

E são tantos os exemplos possíveis que eu nem vou me arriscar aqui.

Aposto que você já tá imaginando vários.

Mas, mesmo quando a gente tá falando de regras legítimas – que têm razão de existir – sempre vai aparecer uma situação que desafia aquela regra.

Essa semana, a gente tem duas histórias de pessoas tentando desafiar as regras do jogo.

Ou do universo.

Às vezes até do senso comum.

Quem começa é a Sarah Azoubel.

---

### **ATO 1 - Jiboia no galinheiro**

**Sarah Azoubel:** O bote de uma jiboia foi uma das coisas mais impressionantes que eu já vi na vida.

Acho que foi ali por 2006, 2007, quando eu tava na graduação em Biologia. E teve uma aula que levaram a gente pra observar o processo de alimentação de duas serpentes. Uma era venenosa, se eu me lembro bem, uma cascavel. E a outra não era. A outra era uma jiboia.

A turma toda entrou numa sala, onde tavam dois tanques de vidro grandes, cada um com uma cobra. As janelas tavam fechadas e algumas das lâmpadas apagadas, dando um efeito de meia luz.

Aí um técnico de laboratório chegou com dois camundongos vivos e colocou um ratinho em cada tanque. O professor falou pra todo mundo ficar em absoluto silêncio, porque se as cobras tivessem qualquer sinal de estresse, elas não iam comer.

Dava pra sentir a tensão no ar.

A cascavel foi rápida. Ela de cara foi atrás do camundongo e ‘nhac’! Mordeu. E aí foi pra um canto do tanque esperar o veneno dela paralisar o bicho.

Já a jiboia era outra categoria de predador. Ela se movia como se fosse feita de pedra, muito devagar. Ela se aproximava do camundongo milímetro por milímetro de um jeito calculado. Ele nem parecia perceber que tinha uma cobra ali.

E aí ela chegou bem perto, bem perto mesmo, encarando ele. E o camundongo continuou com cara que nem tinha visto a cobra. Eu preendi a respiração.

E no movimento mais rápido que eu já vi, ela se enrolou nele completamente. Acho que foi coisa de menos de um segundo.

Pro camundongo, foi uma morte rápida. Pra mim, foi um susto tremendo – eu até engoli o ar. Foi aí que eu entendi que a jiboia é tipo uma artista da caça. Eu nunca vou esquecer aquela cena.

Talvez essa admiração seja um dos motivos pelo qual a história do Mário me chamou a atenção.

**Mário:** Meu nome é Mário Barroso, eu sou biólogo e eu tenho 57 anos.

**Sarah Azoubel:** O Mario escreveu pra gente alguns meses atrás.

**Mário:** E essa história que eu que eu mandei para vocês. Ela está acontecendo hoje, que é: tem uma jiboia morando no galinheiro.

**Sarah Azoubel:** E não, essa não é uma situação metafórica, um lobo entre as ovelhas, algo assim. O Mario e a esposa dele, a Inês Miranda, são biólogos e moram em Brasília. E eles têm um sítio que fica logo depois da divisa com Goiás, mais ou menos uma hora de carro do apartamento deles. Eles costumam passar alguns dias lá toda semana. Os dois trabalham com meio ambiente. E eles acharam legal tentar aplicar no sítio o tipo de coisa que eles viam no trabalho.

**Mário:** Esse sítio, ele é meio um laboratório, um laboratório, entre aspas, claro, de vivência da burocracia, das necessidades, de tudo que você precisa fazer, se você for fazer tudo certinho...

**Sarah Azoubel:** Então eles foram atrás de obter todas as autorizações necessárias, fazer a gestão de água e energia de forma sustentável, regenerar a mata, tentar aplicar as melhores práticas de plantio. E até certo ponto eles conseguiram, mas quando chegou a hora do serviço pesado mesmo...

**Mario:** Tudo o que a gente tentou, deu errado. Tentou criar abelha, tentou fazer horta, tentou fazer plantio, deu tudo errado. Nós temos uma dedicação de fim de semana. Então eu passo o dia na frente do computador. E aí achava que eu ia pegar um trator e fazer um serviço no fim de semana. O que eu consegui foi uma hérnia de cervical, que eu fiquei uma semana de cama.

**Sarah Azoubel:** Mas teve uma coisa que funcionou.

**Mario:** Então a gente... uma coisa que a gente conseguiu fazer é ter um galinheiro. Elas põem ovos, são galinhas poedeiras. Elas põem os ovos, a gente usa os ovos e elas ficam super felizes. Imagina, livres. E elas têm um lugar para dormir. O galinheiro onde tem comida, tem água, etc. Mas elas andam por todo o sítio. Foi a única atividade consistente que a gente conseguiu manter esses anos todos.

**Sarah Azoubel:** E o Mario me contou como uma certa jiboia escolheu morar nesse galinheiro. Ela apareceu meio sorradeira um tempo atrás, e foi vista por um funcionário... E aí sumiu. O Mario ficou com medo que alguém pudesse matar ou se livrar da jiboia, e pediu pro pessoal do sítio não fazer nada. E ele - que tava morrendo de vontade de ver a cobra - ficou esperando ela dar as caras de novo.

**Mario:** Ah, um dia essa jibóia vai aparecer, um dia essa jiboia vai aparecer. E apareceu.

**Sarah Azoubel:** Apareceu, dentro do galinheiro.

**Sarah:** E daí de um tempo pra cá você está vendo ela todo dia no galinheiro, praticamente?

**Mario:** Exatamente, exatamente. Aí ela fica perto do comedouro ou perto da água, ou ela vai pro teto.

**Sarah Azoubel:** E ficou por lá. Só que a história que o Mario queria me contar não era uma história de natureza selvagem, de presa e predador. Ele escreveu pra gente um conto bonito sobre o respeito à natureza e a busca de uma convivência pacífica entre as galinhas, a jiboia, e humanos – no caso, ele mesmo.

O email tinha frases como "Por que não podemos deixar que um bicho escolha onde ele quer morar? Tem uma jiboia morando no galinheiro e ela vai ficar morando lá o tempo que ela quiser".

O Mario explicava que até o momento nenhuma galinha tinha se ferido, a jiboia e as aves estavam em paz juntas. E ele tinha decidido não intervir na situação.

Mas uma parte de mim, talvez uma parte mais calejada pelo mundo, ficou com a pulga atrás da orelha. Tipo, como assim a cobra morando no galinheiro num esquema "viva e deixe viver"? Me parecia uma questão de tempo até que alguma coisa desse errado – pelo menos pra uma (ou mais) galinhas.

Bom, no mínimo eu achei que essa coisa da jiboia podia render uma historinha curiosa. Uma anedota meio engraçada, tipo "o inimigo mora ao lado". E foi por isso que eu resolvi marcar essa conversa com o Mario. Eu queria saber onde isso ia dar. E a gente ainda vai chegar lá, mas eu já te adianto que essa história me levou por caminhos que eu não esperava.

**Sarah:** E quando você descobriu que ela estava no galinheiro, sua primeira reação não foi "Lá se vão minhas galinhas?" O que você pensou?

**Mario:** Não.

**Sarah Azoubel:** O Mario faz parte de um grupo de WhatsApp de herpetólogos – pessoas que estudam répteis. E o que ele fez foi...

**Mario:** E aí eu imediatamente mandei pro grupo e falei: "Olha só que que tem aqui no sítio", né? E aí todo mundo falava: "Ela vai comer sua galinha". "Ah, cuidado com os pintinhos", e não sei o que lá. E aqui, de boa, né?

**Sarah Azoubel:** Mesmo com os alertas dos colegas, o Mario não se preocupou. A cobra era jovem e relativamente pequena ainda. Ela tinha um metro e vinte de comprimento e o diâmetro um copo americano. As galinhas eram adultas, e pareciam grandes demais pra ela. Então ele decidiu deixar a cobra lá e começou a visitar o galinheiro toda hora pra observar ela...

**Mario:** Eu comecei a ver um pouco do comportamento dela. Então eu fiz alguns registros dela se alimentando e ela— e ela se alimenta muito frequentemente dos lagartos que moram no galinheiro. Eu tenho fotos dela comendo o que a gente chama de calango. Ela fica muito tempo parada. Ela fica mais ativa durante o começo da noite, à noite. E muitas vezes ela está parada e tem um monte de peninhas em volta dela, porque uma das coisas que ela come são os passarinhos que vão comer a ração da galinha.

**Sarah Azoubel:** Essa história de monitorar e fotografar a jiboia virou meio que um hobby pro Mario. Direto ele mandava imagens e um relato sobre o que a cobra andava fazendo no grupo.

**Mario:** "Não precisa tirar agora, ela está bem lá". Não sei se ela estava lá antes do galinheiro, mas a gente é que chegou lá e construiu o galinheiro. Eu não vou tirar a cobra só por tirar. Não vou pegar ela e levar para outro lugar. Só pra— só pra levar— só pra ter um lugar livre de cobra. Sabendo que é uma cobra que não tem veneno, que é uma cobra não ataca gente, que é uma cobra que não vai comer as galinhas.

**Sarah Azoubel:** Ele me contou que um dos critérios para tirar a jiboia de lá e devolver ela pra mata seria se ela crescesse a ponto de poder comer uma das pobres galinhas.

**Mario:** Quando a gente põe o nome dos bichos, aí muda tudo. Então as galinhas têm nome. A jiboia não tem nome. A gente decidiu que não vai botar nome.

**Sarah Azoubel:** As galinhas são de estimação. Uma inclusive tem o nome de Inês — que é o mesmo da esposa do Mario. Ele me falou que é só porque as duas têm personalidades parecidas. As duas gostam de ficar explorando. Mas a cobra não é

de estimação. E o Mario fez questão de insistir que a cobra não tinha e não ia ganhar nem um apelidinho.

**Sarah:** E você falou que a cobra, vocês decidiram não dar o nome. Por quê?

**Mario:** Ah, porque ela não é um pet. Ela não é um animal de estimação. Ela é um bicho do mato. Pros outros bichos a gente cria outros tipos de vínculo. Com a jiboia é uma coisa mais de um respeito mútuo, então não fico pegando nela, não faço nada para que cutucando ela de vez em quando eu vou lá e tiro uma foto. O máximo que eu faço.

**Sarah Azoubel:** Ok, eu entendo que a jiboia é selvagem. E a gente tem que respeitar o lugar desses bichos na natureza. Mas, pra ser bem honesta, até esse ponto, eu achei que a história tava indo por um caminho meio previsível. Foi quando a coisa mudou.

**Mario:** Bom, esse é o lado legal. Eu tenho, vamos dizer assim, um diário da minha convivência com a jiboia. "Ela tá bem". Essa é a parte legal, interessante, bacana. Mas tem uma parte também que é o conflito que agora eu tenho em casa.

**Sarah Azoubel:** O conflito que ele fala é com a Inês – a Inês humana - a esposa dele. Que, lembra, também é bióloga. E foi só aí que ele me falou que ela não concorda com ele quando o assunto é a jiboia.

**Mario:** Você quer conversar com a Inês?

**Sarah:** Ela tá aí? Se ela quiser falar comigo, eu adoraria.

**Mario:** Ela vai contar outra história. (Para Inês: Você quer falar sobre a jiboia?)

**Sarah Azoubel:** Nessa hora eu fiquei curiosa. Será que a jiboia no galinheiro era mais do que uma história de suposta harmonia entre espécies tradicionalmente opostas? Será que um drama familiar tava se desenrolando por trás dessa suposta convivência pacífica entre presa e predador?

**Inês:** Oi, Sarah.

**Sarah:** Tudo bom?

**Inês:** Tudo bem.

**Sarah:** Então o Mário estava me contando a história da jiboia e daí ele falou que você tinha todo um outro lado dessa história.

**Inês:** Eu tenho. Eu tenho outro lado da história.

**Sarah:** Me conta.

**Sarah Azoubel:** Basicamente, a Inês não compra nem um pouco a ideia utópica do Mario de que a jiboia possa ficar morando por tempo indeterminado no galinheiro.

**Inês:** Então eu só queria que ele pegasse jiboia e levasse— "Leva, leva pra mata, mas não deixa ali no galinheiro", entendeu?

**Sarah Azoubel:** Ela quer a jiboia fora de lá. O quanto antes.

**Sarah:** E é... Você tem essa conversa com o Mário sempre, porque...

**Inês:** Sempre eu brigo com ele porque ele adora ver jiboia lá. Ela. Ele adora ir lá, chegar e olhar e ver a jiboia e o que que a jiboia está fazendo.

**Sarah Azoubel:** Eu bem que pensei que o Mario tinha se apegado à cobra mais do que ele tava querendo admitir. E a Inês tinha um motivo mais pessoal pra querer a jiboia fora do galinheiro. Tudo começou quando ela tava na graduação e trabalhava como curadora da coleção de serpentes da Universidade de Brasília.

**Inês:** Então a gente organizou toda a coleção. Eu sabia todas as cobras que tinha na coleção. É porque eu peguei o meu dever. Era como estudante. Era o meu estágio. Eu tinha que tirar todas as cobras, classificar todas as cobras, colocar todo mundo, todas as espécies juntas, blá blá blá. Então, no final do semestre eu sabia todo mundo que estava ali e quem não tava.

**Sarah Azoubel:** Foi quando, numa saída de campo, a Inês encontrou uma Philodryas, que é uma cobra verde, um tipo de cobra cipó.

**Inês:** E eu falei: "Uhhh, não tenho na coleção!"



**Sarah Azoubel:** Ela se empolgou e decidiu levar o espécime pra coleção. Só que, na hora de pegar, a cobra mordeu a mão dela.

**Inês:** E aí eu levei uma picada da cobra. Ela me picou aqui no dedo. E aí eu pensava: "Bom, se eu puxar a cobra, eu vou perder a arcada. E aí eu não consigo chegar na espécie".

**Sarah Azoubel:** Sim. Na hora, a Inês ficou mais preocupada com manter os dentes da cobra intactos pra identificação correta da espécie do que com o fato de que eles tavam fincados na mão dela. E aí, ela tomou uma decisão, vamos dizer, ruim.

**Inês:** E aí eu fiquei esperando a cobra acabar de colocar o veneno dela. Pra não perder a espécie. E a hora que ela tirou, ela tirou a boca que estava meio torta assim. E foi aí, aí ela inoculou todo o veneno, e eu fiquei olhando aquilo. Eu pensei: "Ah, eu vou ter uma reação inflamatória, não vai ser nada e no final vai dar tudo certo".

**Sarah Azoubel:** Na época, a Inês – e muitos outros herpetólogos – não classificavam esse tipo de cobra como uma serpente que tinha um veneno considerável. Uma coisa que mudou logo em seguida, depois de um acidente mortal com uma criança.

**Inês:** E aí o meu dedo foi ficando preto, preto, foi ficando vermelhão até que o meu gânglio começou a inchar. Aí eu liguei pro meu professor que dava "Venenos animais" e falei assim: "Então, eu fui picada por uma Philodryas e tá ficando feio". Ele: "Inês, sai correndo pro hospital!"

**Sarah Azoubel:** A Inês chegou no hospital muitas horas depois da picada. E lá não tinha soro pra essa cobra específica. Eles queriam dar pra Inês soro pra picada de jararaca.

**Inês:** Enfim, eu tive que assinar um termo junto com o meu professor, que ele falou assim: "Não, pode assinar o termo, você não vai tomar um soro antibotrópico, que você vai passar muito mal."

**Sarah:** Mas, no fim, per aí, no fim, você não– você não tomou nenhum soro?

**Inês:** Não. No fim, não tomei nenhum soro e passei mal a semana inteira. Minha mãe disse que eu tinha horas que eu não falava coisa com coisa.

**Sarah Azoubel:** Felizmente, depois de uns dias, a Inês melhorou.

**Inês:** Isso tudo pra contar que eu aí o meu grau em relação às cobras se elevou, e eu entendi que é preciso ter a minha relação com elas é muito mais de respeito. "Você tá aí, eu tô aqui. Eu te respeito, você me respeita. Eu não vou te colocar na coleção." [ri] Porque antes era tudo muito, sabe? Andava com cobra pendurada. E, não, depois desse acidente, eu vi "ops! Eu fui negligente". Eu abusei. Eu ultrapassei uma linha.

**Sarah Azoubel:** A Inês passou a ter outra postura quando se trata de bichos selvagens. O tipo que exige uma admiração, mas também uma certa distância. E, de novo, a jiboia não é venenosa, mas ela não deixa de ser uma predadora poderosa. Que pode eventualmente pegar algum animal da fazenda, até mesmo um gato ou cachorro. E também tinha um outro motivo pra Inês querer a jiboia fora do galinheiro: pintinhos. Algumas das galinhas tavam ficando velhas, e a Inês queria colocar mais pintinhos no galinheiro. E qual a chance dos pintinhos estarem a salvo da jiboia? Nenhuma, né.

**Sarah:** Então, para você, a jiboia no galinheiro, ela não é esse símbolo da convivência pacífica.

**Inês:** Não, ela vai comer as galinhas. Ela vai comer os pintinhos que eu quero ter. Ela já tá comendo os calangos lá. Então assim, eu não— não, eu não acho que é uma convivência pacífica.

**Sarah:** E para você é uma questão de tempo até ela pegar uma galinha.

**Inês:** Mas, óbvio, porque ela vai crescer, ela tá lá comendo todos os calangos, vai crescer.

**Sarah Azoubel:** Então foi assim que a conversa acabou. Era novembro de 2023 e o Mário e a Inês iam passar mais tempo no sítio no fim do ano. E aí eu fiquei de falar com eles depois que eles voltassem. Será que o Mario ia convencer a Inês a deixar a cobra lá seguindo a filosofia de "viva e deixe viver"?

Ou será que a Inês ia vencer a batalha e a jiboia ia voltar pro mato?

Será que as galinhas iam ficar seguras? E os pintinhos?

Essas eram as cenas que eu esperava pro próximo capítulo.

Só que, poucas semanas depois, ainda antes do Natal, eu recebi uma mensagem do Mario no WhatsApp.

E foi aí que eu percebi que, assim como o corpo sinuoso da jiboia, essa história tinha pegado uma curva.

Nesse meio tempo, o Mario continuou fotografando a jiboia. Na verdade, ele até intensificou as visitas. Não, imagina, ele não tava apegado não...

E foi aí que ele viu uma coisa... diferente.

**Sarah:** Então você começou a visitar o galinheiro à noite, por...

**Mario:** Pra ver, pra ver a jiboia, pra ver se está tudo bem. Não tinha nenhum problema se ela estava se alimentando, se as galinhas estavam incomodadas com ela, então tirar umas fotografias que é sempre legal, tirar fotografias dos bichos. E aí eu vi essa— essa— essa questão dos mosquitos.

**Sarah Azoubel:** A jiboia tava coberta de mosquitinhos. Mas eram muitos, mesmo, em cima do corpo e até da cabeça dela. Alguns com sangue dentro. Ele me mostrou as fotos. Era impressionante. E claro, ele também mandou as imagens praquele grupo de WhatsApp onde ele fazia uma espécie de diário da jiboia. E os herpetólogos do grupo ficaram surpresos. Porque, segundo eles, não é comum ter registros de mosquitos em serpentes.

**Mario:** E aí eles falaram: "Isso aí é uma coisa inusitada. Tenta coletar os mosquitos". E aí eu improvisei um aspirador entomológico, é um— peguei um pote de plástico, fiz dois ou dois furos, e aí ele— sai uma mangueira e você chupa por um tubo. Faz uma pressão negativa no vidro e na mangueirinha e vai coletando os mosquitos. Você põe uma gaze.

**Sarah:** Alguma coisa, pra você não comer mosquitos.

**Mario:** Pra eu não comer mosquito. E fiz assim em meia hora. Tinha umas coisas lá no sítio, fiz um aspirador, fui lá na cobra que estava cheia de mosquito. Aspirei.

**Sarah:** Ah, aspirou direto da cobra mesmo.

**Mario:** Aspirei direto da cobra, em cima da cobra. Coletei em cima da cobra, e muito, muito. E tinha um vidrinho maior, acho que.. eu mando pra você a foto. E aí pus em álcool 70. Isso foi num sábado, num domingo.

**Sarah Azoubel:** E, no grupo, um dos biólogos sugeriu: "Mario, você devia mostrar isso pro Rodrigo Gurgel". O Rodrigo é um pesquisador da Universidade de Brasília que trabalha com insetos que transmitem doenças tropicais. Tipo mosquitos, barbeiros etc...Então o Mario mandou as fotos pra ele. E a primeira reação do Rodrigo foi...

**Rodrigo:** Meu Deus, que foto boa! Porque ele tirou umas fotos muito boas, sabe?

**Sarah Azoubel:** Esse, aliás, é o Rodrigo Gurgel. E é verdade que as fotos do Mario são muito boas, e inclusive, tão lá no site da Rádio Novelo, se você quiser dar uma olhada. Ok, a segunda reação dele foi...

**Rodrigo:** E aí na hora eu logo vi e falei "Bom, flebotomíneo se alimenta de mamífero ou de galinha" agora... ou seja, de mamíferos e aves. Em répteis é menos comum, e em jiboia muito menos. Não existe. Ninguém descreveu isso para jiboia ainda.

**Sarah Azoubel:** O Rodrigo na hora identificou aqueles insetos como algum tipo de flebotomíneo, que também é chamado de mosquito-palha. Na verdade, os flebotomíneos não são bem mosquitos, mas eles são bem parecidos pra gente que não é especialista. Eles são sugadores de sangue e podem transmitir doenças graves.

**Rodrigo:** No Brasil tem 270 espécies. É o país com maior diversidade de flebotomíneos do mundo, e aqui no DF tem 35. E qual a importância deles? Eles transmitem leishmaniose. São vários tipos de leishmaniose, leishmaniose visceral, que é a que mata, que tem leishmaniose cutânea,

que dão feridas na pele, pode espalhar e pode ser disseminada e tal. E é muita gente que pega leishmaniose todo ano. A estimativa é de mais ou menos um milhão de pessoas que pegam leishmaniose todo ano no mundo todo. E o Brasil está entre os países— entre os dez países com o maior número de casos de leishmaniose. Ela não tem como ser eliminada e erradicada, porque sempre vai ter algum mamífero com leishmaniose, e sempre vai ter algum flebotomíneo voando por aí. Então a gente tem que conviver com a leishmaniose e fazer com que ela não vire uma epidemia.

**Sarah Azoubel:** Logo na segunda-feira, o Mario foi cedo no laboratório do Rodrigo com o vidro de mosquitos-palha que ele tinha aspirado. O Rodrigo ficou bem empolgado.

**Rodrigo:** Eu acho legal porque, assim, o que poderia ser uma simples observação se transforma numa pesquisa, se for bem orientado.

**Sarah Azoubel:** Pra tentar transformar essa simples observação em pesquisa, o Rodrigo precisava de mais dados. E pra isso ele precisava de mais flebotomíneos. Então ele mandou o Mario de volta com umas armadilhas, pra fazer mais capturas.

**Rodrigo:** Na primeira armadilha foram 300 flebotomíneos e na segunda armadilha 700 e pouco. Foram mais de mil flebotomíneos capturados em apenas duas noites.

**Sarah Azoubel:** O galinheiro tava mesmo lotado de flebotomíneos.

**Rodrigo:** Qualquer especialista chega ali e fala: "É um criadouro de flebotomíneo".

**Sarah:** Por quê?

**Rodrigo:** Porque o solo, sem estar cimentado, com muita matéria orgânica, que são as fezes da galinha, e com aquela palha que ele colocou lá tudo misturado. Isso favorece um criadouro para as larvas dos flebotomíneos.

**Sarah Azoubel:** E, no caso, o sangue das galinhas também garante o lanche das fêmeas dos mosquito-palha adultos.

**Sarah:** Você conseguiu identificar a espécie que o Mário coletou?

**Rodrigo:** Já sim. Ah, gente, isso é fresquinho!

**Sarah Azoubel:** Eles já analisaram uma parte da amostra, e por enquanto...

**Rodrigo:** Mas a gente identificou já uns 20, todos os 20. Eles eram de uma espécie chamada *Evandromyia lenti*, essa espécie, essa *Evandromyia lenti*, já tinha sido detectada aqui no DF e não é a espécie principal vetor da leishmaniose. Essa é a notícia boa.

**Sarah Azoubel:** Eles tão continuando a pesquisa pra ver se também tem outras espécies na coleta, como as que costumam transmitir a leishmaniose. Mas o Rodrigo tá ainda mais animado com outra possibilidade. A possibilidade de uma descoberta científica.

**Rodrigo:** Se a gente encontrar o DNA da jiboia no intestino de *Evandromyia lenti*, só aí já é uma nota de pesquisa. Já é novo pra ciência.

**Sarah Azoubel:** O Rodrigo precisa ter certeza de que os mosquitos-palha tavam mesmo picando a jiboia, e não só parando pra descansar em cima dela depois de se alimentarem do sangue das galinhas. E ele também quer ver se tem algum parasita nesse sangue. Se esses flebotomíneos tão picando a jiboia, será que eles podem transmitir alguma doença específica de serpentes?

**Rodrigo:** Outra novidade, seja qual parasito for.

**Sarah Azoubel:** E, com essa mistura de bichos selvagens, bichos domésticos e humanos, todos morando muito próximos, ainda existe a possibilidade de um parasita conseguir pular de uma espécie para outra.

**Rodrigo:** O fato é que... com vírus, isso é muito comum dos vírus pularem de animais pra seres humanos. E esse processo pode acontecer também com as leishmanias. E a gente tem que pensar nisso.

**Sarah Azoubel:** Claro, tudo isso ainda é especulação. Ainda tá cedo pra saber a resposta pra essas perguntas. E o Rodrigo e os alunos dele ainda vão passar

alguns meses fazendo os experimentos pra entender melhor o que que tava acontecendo ali. Mas agora, a história da jiboia no galinheiro tinha virado outra coisa. Não era mais um conto de convivência harmônica entre presa e predador, e também não era mais um conflito familiar sobre deixar ou não deixar uma cobra morando com as galinhas.

Por acaso, o experimento do Mario de não interferir no local que a jiboia escolheu, e a fixação dele em documentar a vida da cobra, transformou o animal em objeto de estudo. Ela virou uma novidade científica. Quem sabe o primeiro registro de uma jiboia picada por esse tipo de inseto.

Só que a possibilidade da jiboia tá sendo prejudicada por tá morando no galinheiro, por tá possivelmente sendo picada por mosquitos-palha, quem sabe até exposta a alguma doença, ou até virando um vetor de doença em potencial, tudo isso pesou pro Mário. E foi aí que ele começou a questionar a posição dele quanto à jiboia.

**Mario:** Então, acho que... Eu estava mais empolgado com essa presença da fauna do lado, muito próximo. Eu acho que tem que tomar mais cuidado e ter menos... Menos interação, talvez. Não sei ... Eu tô num momento de rever um pouco essa... O que eu fiz de não ter tirado a jibóia desde o começo. E de ter.... Dos meus sentimentos... E de achar legal. De quase que manter o bicho nessa situação. Dar um jeito de que ele ficasse lá para eu conseguir ficar olhando e registrando e tirando foto e sei lá. Então... Esse esse meio termo, esse meio termo entre estar na natureza, curtir a natureza, mas entender que tem uma distância que é importante, né? tem uma distância é... Não sei. Assim, não é para ter uma jiboia no galinheiro.

**Sarah Azoubel:** O Mario tava repensando aquele discurso inicial dele, de que jiboias, galinhas e humanos poderiam viver em harmonia sob um mesmo teto. Será que ele chegou a acreditar mesmo naquilo? Ou será que era na verdade uma desculpa pra ele poder continuar bisbilhotando a jiboia? Pra ele ter a satisfação de ver um animal selvagem de pertinho? E, pra ficar bem claro, eu não tô julgando o Mario. Na verdade eu entendo completamente ele. Eu também não sei se eu ia resistir ao impulso de entre aspas "domesticar" uma jiboia. Inclusive, eu, mesmo de longe, já tinha dado um nome pra ela na minha cabeça. Pra mim, era a Giba. E, depois de ver tantas fotos dela, eu comecei a gostar dela também. Eu até mandei uma mensagem pra ele admitindo a minha fraqueza.

E foi aí que a tal da ilusão da jiboia sem nome, do bicho selvagem que dava pra observar sem se apegar, caiu totalmente por terra.

**Sarah:** você tinha um papo de que vocês não tinham dado o nome para jiboia, mas depois descobri que vocês tinham.

**Mario:** Não, eu não chamo ela de Gigi para ninguém. É só eu na minha cabeça que chamava.

**Sarah:** Só internamente [risos].

**Mario:** E a Inês jura que não chamava ela de Jerônimo. Não sei por quê, Jerônimo.

**Mario:** [para Inês] Não era Jerônimo?

**Sarah Azoubel:** Na verdade, a Inês chamava ela de Gertrudes.

**Sarah:** Peraí, Gertrudes era quem? Gertrudes era a cobra do galinheiro.

**Inês:** E porque eu chamava... a gente não podia dar nome, né? Porque quando você dá nome, se apegar ao bicho. Então a gente combinou que a gente não ia dar nome, mas eu tinha o meu nome. Eu chamava ela de Gertrudes.

**Sarah:** Eu sabia que era balela essa história da cobra que não tem nome.

**Sarah Azoubel:** Então até a Inês, que queria desde o começo devolver a jiboia pra mata, também tinha se apegado à bichinha. À Gertrudes, ou à Gigi, ou à Giba. Enfim... O que ficou claro pro Mario e pra Inês é que eles não podiam deixar aquela situação ficar daquele jeito.

**Mario:** Então o que eu fiz foi... eu tomei uma decisão de reformar o galinheiro.

**Sarah Azoubel:** Eles decidiram colocar um piso de concreto pra poder limpar melhor o galinheiro e acabar com a infestação dos mosquitos-palha. E, nessa, a jiboia ia ter que voltar pra mata. Inclusive, no dia que ele foi tirar a jiboia, ele mandou pra mim um vídeo que mostrava onde ela tava no galinheiro.

**Mario:** *Esses aqui são os ninhos das galinhas...*



**Sarah Azoubel:** E ela tava embaixo da palha de um ninho, a galinha praticamente sentada na cobra, junto com os ovinhos dela.

***Mario:** O interessante é que dessa vez tem alguém escondido embaixo do ninho. Ela tá aqui, imagino que é fugindo dos mosquitos.*

**Sarah Azoubel:** Até deu um quentinho no coração de ver a galinha e a jiboia juntas, em harmonia pela última vez. E aí ele pegou a Gigi-Giba-Gertrudes e levou ela pra mata, pra longe do galinheiro. Desde então, eles já fizeram outra coleta de mosquitos-palha e a reforma parece ter resolvido a infestação. E a Inês ainda não colocou os pintinhos que ela queria colocar no galinheiro, mas quem sabe em breve. E eu achei que a história ia acabar por aqui.

Mas...

**Inês:** Depois da reforma do galinheiro, a Gertrudes foi embora. Aí um belo dia eu to tomando banho aí a hora que eu olho pra cima, tem uma barriga caindo assim na parede. Era outra jiboia.

**Sarah Azoubel:** Dessa vez uma grandona. Bem maior que a Gertrudes.

**Mario:** Mas essa do banheiro não tem nome ainda.

**Sarah:** Não?

**Mario:** Acho que não.

**Sarah:** Vai ficar assim. Será?

**Sarah Azoubel:**Mmmm. Mas o Mario já colocou uma armadilha fotográfica nela pra não deixar passar nenhum momento.

**Sarah:** Mas ela tá com a câmera trap lá.

**Mario:** Tá, tá.

**Sarah:** Depois quero ver as fotos.

**Sarah Azoubel:** E a Inês... bom a Inês...

**Sarah:** Será que ela... Será que essa não tem nome já também?

**Inês:** Ah.. não sei. Né?

**Sarah:** Você não deu ainda. Ou deu? Deu.

**Sarah Azoubel:** A Inês só balançou a cabeça que sim.

**Sarah:** Qual é o nome? Mas?? Não vai contar? [risos]

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pela Sarah Azoubel, aos 45 do segundo tempo, antes de sair de licença-maternidade. A filha dela chegou essa semana. Seja muito bem-vinda. Daqui há um tempo, a Sarah volta ao Apresenta.

E fica aqui uma recomendação geral: se você encontrar um animal silvestre na sua casa, não tenta resolver o problema por conta própria. A melhor coisa a fazer, sempre, é acionar o órgão público responsável da sua região. Essa regra daí não foi feita pra ser quebrada, não.

No segundo ato, a Bárbara Rubira traz uma história de um universo de regras bem diferente. Sai o sítio, saem as galinhas, as jiboias e os mosquitos, e entra...

Bom, deixa que a Bárbara Rubira te conta.

---

## **ATO 2 - Fica comigo**

**Bárbara Rubira:** Toda semana aparece no meu celular aquela notificação sobre o meu tempo de uso do aparelho. Sabe? Aparece pra você também? Seu tempo de uso nos últimos 7 dias foi de uma média de X horas"... E claro que eu não vou expor o número de horas que aparece pra mim. Mas, toda vez que eu recebo essa notificação, eu quase caio pra trás. E eu tenho certeza que eu não sou a única.

**Rafael:** A função dele de ligações, né? — inicialmente era pra isso, pra gente fazer ligações —, eu não uso, eu fico em pânico quando recebo uma ligação, mas em contrapartida eu uso ele pra tudo na minha vida. [...]  
É uma dependência gigantesca.

**Bárbara Rubira:** Esse é o Rafael.

**Rafael:** Eu sou Rafael Bonvenuto, tenho 39 anos. Sou de São Paulo.

**Bárbara Rubira:** O Rafael – assim como eu, assim como você também, imagino – tem uma "dependência gigantesca" do celular. Hoje em dia ele trabalha com redes sociais – e aí não tem jeito, mesmo, tem que tá conectado o tempo todo. Mas mesmo no resto do tempo, e mesmo antes de trabalhar com isso, ele já tinha um certo "fascínio" pelo aparelhinho.

**Rafael:** Esse foi meio que um insight, porque nisso eu resgatei a minha história com celulares. E o quanto eu desejei ter um numa época que não era tão presente assim na sociedade. Já devia ter, mas era algo muito caro. Eu lembro de algumas pessoas que que rejeitavam A ideia de ter um celular. Achavam que poderia ser uma moda passageira, uma coisa assim. Quase ninguém tinha, assim, né?

**Bárbara Rubira:** Essa época longínqua, mesozóica, em que o Rafael era adolescente, é o cenário da história que eu vou te contar hoje. A gente tá falando de uma era de calças de cintura baixa, de cabelo espetado, de presilhinhas de borboleta... de strass em absolutamente tudo, de Britney e Justin de look jeans combinando no VMA, de internet discada...

O começo dos anos 2000.

**Rafael:** E eu via as pessoas lá no celular, os tijolinhos, assim, e tudo mais. Achava maravilhoso. Olha que besteira, hoje em dia tem uns jogos super elaborados assim, né? Naquela época eu via o jogo da cobrinha...

**Bárbara Rubira:** A depender da sua idade, eu aposto que você também tinha inveja daquele seu amigo que andava por aí ostentando um celular Nokia, que trocava de ringtone como quem troca de roupa, e que ficava jogando cobrinha na mesa do bar só pra fazer inveja pra todo mundo. Ali na virada do milênio, o Rafael tinha um sonho.

**Rafael:** E eu tinha um trabalho simples, eu era caixa de mercado, trabalhava num Extra, então o salário era bem baixo... Então eu não tinha condições de ter um celular mesmo.

**Bárbara Rubira:** Era 2003. O Rafael tava com 18 pra 19 anos. Quando ele não tava no caixa do mercado, ele tocava numa banda de rock, e tinha também uma rádio pirata... E, que nem boa parte dos jovens daquela época, ele era telespectador assíduo da MTV.

**Rafael:** Eu gostava dos programas alternativos, então gostava muito de ver o "Lado B", que uma época foi apresentado pelo Fábio Massari, depois pelo Kid Vinil.

### ***Lado B MTV***

**Fábio Massari:** *Esse é o Lado B voltando, estamos sendo embalados por Primal Scream...*

**Rafael:** Aí começou a entrar algumas coisas que também eram meio meio moda na época, que era o "Piores Clipes do Mundo", apresentado por Marcos Mion..

### ***Piores Clipes***

**Supla:** *Japa, japa girl...*

**Marcos Mion:** *Para, para, repara. Essa hora é o ápice desse clipe. É a melhor, cara!*

**Rafael:** Ah! O início do Hermes e Renato, né? Eles eram ídolos, a gente ficava repetindo os bordões deles.

**Hermes e Renato:** *Pô, Joselito, sem noção, hein?*

**Rafael:** Os programas do João Gordo também...

**João Gordo:** *Eu começo mais um Gordo a Go-Go aqui na MTV...*

**Rafael:** Eu gravava vídeos VHS com os clipes. E daí não tinha YouTube, então a gente se reunia e ficava vendo os programas gravados em fita VHS da MTV. Era o YouTube da época.

**Bárbara Rubira:** A MTV Brasil estreou em outubro de 1990. Mas foi ali entre o fim da década de 90 e o começo dos anos 2000 que o canal viveu o seu auge. A grade de programação não parecia em nada com os outros canais abertos da época. Eram cenários de baixo orçamento, mas com uma estética icônica, e uma energia

de caos controlado em toda a programação. O sonho de todo jovem descolado que tinha sinal de MTV em casa era ser VJ.

**Rafael:** Realmente tem uma conotação muito especial a MTV na minha vida.

**Bárbara Rubira:** Mas tinha um programa de sucesso que o Rafael assistia meio no sigilo.

### ***Fica Comigo***

***Fernanda Lima:*** *Está no ar mais um "Fica comigo"! Um programa que tenta unir casais. Meninos e meninas solteiros, meio encaçados, se sentindo sozinhos, querendo uma companhia....*

**Rafael:** O "Fica Comigo", a gente assistia, mas a gente tinha meio vergonha de falar, né? Tipo... Aquela coisa... "Ah, muito tosco, né?" Mas era engraçado, mesmo.

**Bárbara Rubira:** O "Fica Comigo" era um programa de namoro, que foi apresentado pela Fernanda Lima de 2000 a 2003.

***Fernanda Lima:*** *Aqui você pode encontrar sua companhia, sua alma gêmea. Muitas vezes não tem nada a ver, não dá certo, mas a gente tenta. E tem alguns casais que tão juntos até hoje, pra mais de ano já. Vou ser até madrinha de casamento daqui uns dias...*

**Bárbara Rubira:** O formato era razoavelmente simples: cada episódio tinha um "querido" ou "querida", que era o jovem solteiro cobiçado da vez. Essa pessoa ficava escondidinha numa parte separada do estúdio. Enquanto isso, a Fernanda Lima recebia no palco principal alguns pretendentes, que eram pessoas que tinham se inscrito no programa, interessados no perfil do "querido" ou "querida".

Daquele puxadinho escondido no estúdio, o "querido" ouvia tudo. E conseguia interagir com a apresentadora e os pretendentes, mas não conseguia ver nenhum deles. Aí o programa ia fazendo várias dinâmicas, testando a lábia e a compatibilidade dos pretendentes com o "querido". E, ao final de cada uma, iam rolando eliminações, até sobrar só um escolhido.

**Rafael:** Mas uma coisa que me chamou atenção, principalmente, no programa, era que tinha... Pra todos os participantes, não era só para quem vencia. O fato de você participar, você ganhava, era o "kit blah", que era um kit da TIM. O "blah" era uma espécie de chat, uma sala de bate papo que a TIM criou.

**Bárbara Rubira:** Na era mesozóica do início dos anos 2000, não tinha WhatsApp, não tinha Tinder... mas tinha salas de bate-papo.

**Rafael:** Então eles presenteavam com esse kit. Que vinha o celular e vinha... não lembro o que vinha de complemento.

***Fernanda Lima:** Ganhou um "kit blah" como presente de participação. Aqui dentro tem um telefone, ele já faz parte da "galera blah". O apelido dele está na sua tela. Você pode mandar uma mensagem.*

**Bárbara Rubira:** Pelas gravações da época, é difícil ver mesmo o que que tinha de complemento no tal do "kit blah". Era uma mochilinha com várias coisas dentro – o celular e uns outros brindes...

**Rafael:** Mas vinha um celular. Meu Deus, um celular! Capitalismo, bicho! Acho que a gente queria... ostentar um celular, né? A gente, tudo ferrado... Não tinha grana, não tinha nada... Aí eu falei "Meu Deus, será que eu faço essa besteira de— de tentar participar?" Eu lembro que era internet discada, a gente não tinha grana pra ter uma banda larga, então era depois da meia noite, era bem madrugada. "Ah, deixa eu dar uma olhada lá no site da MTV". Aí você entrava e tinha um catálogo das pessoas que se candidataram para ser o "querido". Aí tinha que ter uma história sobre você etc. Eu escrevi uma história que... Eu não lembro mesmo que eu escrevi.

**Bárbara:** Você tinha que se vender, essencialmente...

**Rafael:** Você tinha que se vender.

**Bárbara Rubira:** Naquela madrugada, o Rafael escolheu uma das "queridas" que apareciam no site da MTV, fez o possível pra se vender como um bom partido, e se inscreveu pra participar do programa. Tudo isso no impulso, sem contar pra ninguém.

**Rafael:** Eu tava com receio, mas falei "Cara, eu vou tentar. Eu quero ver o que vai rolar. Eu quero esse celular".

**Bárbara Rubira:** Bom, e o que rolou foi que...

**Rafael:** Eu falei alguma coisa lá que convenceu, pelo visto. Porque, dias depois, eu recebi um telefonema, né? Falaram: "Rafael, você foi aprovado... [...] A gente gostou do seu perfil..." [...] Aí fiquei de dar o retorno da ligação. Agora é a hora da verdade.

**Bárbara Rubira:** Só que tinha um porém.

**Rafael:** Então, eu namorava. Justam— Esse era o problema, né?

**Bárbara Rubira:** O Rafael tinha namorada. Ele não se inscreveu no Fica Comigo atrás de romance. Ele tava de olho mesmo no jabá do patrocinador. Pelo menos foi isso que ele me disse, quando ele me contou essa história, 20 anos depois. E eu acreditei. Mas, naquela época, não era a mim que ele tinha que convencer.

**Rafael:** Eu tenho uma namorada e vou participar dum programa. Que que eu faço? Aí eu fui... Minha namorada chamava Elvira. A gente tinha um namoro desde os meus 15, 16 anos...

**Bárbara Rubira:** Lembrando que, nessa época, o Rafael tinha 18. Então ele e a Elvira namoravam até que há bastante tempo, pros parâmetros de um namoro adolescente. E não é como se ele pudesse dar um migué e não falar nada pra ela. Tipo: Ele ia aparecer na TV!

**Rafael:** Falei: "Elvira, vem cá. Preciso contar uma coisa" [risos].

**Bárbara Rubira:** A Elvira também era telespectadora assídua da MTV e também assistia o "Fica Comigo". Mas claro que ela nunca tinha imaginado ver o próprio namorado no palco da Fernanda Lima.

**Rafael:** "Como assim?" "Mas é que eu queria ganhar um celular. Cê tá ligada o 'Kit Blah', né?" Ela ficou: "Porra... Sério?" Mas a gente começou a rir da situação. Ela falou: "Tá bom, eu vou aceitar, cara. Mas, mano, se você me fizer passar vergonha..." Porque já vai passar vergonha, né? Muitas pessoas... Todo mundo sabia que a gente namorava. "Mas se você me fizer passar uma vergonha de traição... Mano, cê tá ferrado comigo".

**Bárbara Rubira:** Eu achei justa a reivindicação de não ser corna em rede nacional. O Rafael também achou. Então ele ligou de volta pra MTV, e confirmou a participação dele no programa. A produção passou pra ele todas as informações de data e de horário... — e disse que ele podia levar dois acompanhantes.

**Rafael:** "Você pode levar duas pessoas", tal. Eu falei: "Ah, legal". Aí ela falou assim: "Ah, eu vou junto. Lógico. Eu vou ter que ir junto".

**Bárbara Rubira:** A Elvira, a namorada do Rafael, ia acompanhar a gravação do programa ao vivo, direto da plateia. E aí, quando o Rafael passou os nomes dos acompanhantes pra produção, ele não falou da relação entre eles, claro. Junto com a Elvira, ia também uma amiga do casal, pra dar um apoio moral.

**Rafael:** Eu já comecei a divulgar, e me perguntavam: "Pô, mas e a Elvira?". Aí eu: "Não, tudo certo. A Elvira vai junto, a gente já negociou e não tem problema".

**Bárbara Rubira:** Tava tudo certo com a Elvira, mas... o Rafael precisava de uma estratégia. Porque ele tava indo num programa de namoro... mas não era pra arrumar um namoro. Aliás, o objetivo ali era conseguir ir num programa de namoro... sem acabar com o namoro que ele já tinha.

**Rafael:** E eu já combinei com ela: "Elvira, pode deixar que eu vou fazer tudo... As decisões inversas. Tudo que ela falar assim: "Ah, você gosta disso?", eu falo "ah, não, não gosto". Eu fui no caminho de ser o cara chato, né?

**Bárbara Rubira:** No dia da gravação, o Rafael foi sozinho. Ele e os outros participantes tinham que chegar um pouco mais cedo, pra passar ali pelo styling e conhecer a equipe do programa.

**Rafael:** A gente fica numa salinha. Aí estava lá no camarim e com essas outras pessoas, todo mundo assim... "Oi..."

**Bárbara Rubira:** A Elvira e a amiga iam só depois, com o nome na lista de acompanhantes na portaria. Mas, dali pra dentro, era como se eles não se conhecessem.

**Rafael:** Eu sou uma pessoa tímida, tava muito nervoso, muito nervoso mesmo. Mas esse encontro com os outros concorrentes e a Fernanda Lima,



que entrou no camarim e foi se apresentar... Ela foi super simpática, ela é maravilhosa. Então quebrou o gelo, deu um alívio assim, eu tava muito nervoso, nessa hora, deu uma baixada de bola, deu uma relaxada.

### ***Fica Comigo***

***Fernanda Lima:*** De volta com o *Fica comigo*, o programa mais romântico da televisão brasileira. Vamos chamar a nossa querida de hoje. O nome dela é Vivian, ela tem 20 anos, vem pra cá, Vivian!

**Bárbara Rubira:** A Vivian era a "querida" da vez. E o Rafael era um de quatro pretendentes que tavam lá, teoricamente, pra tentar conquistar o coração dela.

**Rafael:** E ela se apresenta, depois vai chamando um a um, e eles não revelam a ordem...

**Bárbara Rubira:** O Rafael foi o penúltimo a entrar no palco. O terceiro entre os quatro pretendentes.

***Fernanda Lima:*** Vou chamar o próximo interessado na Vivian. Ele tem 18 anos. O nome dele: Rafael também. Pode entrar, Rafael!

**Bárbara Rubira:** Já tinha tido um Rafael entre os dois primeiros pretendentes que entraram...

***Fernanda Lima:*** Oi! Tudo bom?

***Rafael:*** Tudo bem, tudo bem...

***Fernanda Lima:*** Tu é tímido?

***Rafael:*** Não muito.

***Fernanda Lima:*** Não muito, mas tu entrou assim, com a mão no bolso...

***Rafael:*** Não, é só um modo só...

***Fernanda Lima:*** É que esse começo é meio complicado, né?

***Rafael:*** E muito público assim... mó encarando... problema...

***Fernanda Lima:*** Parem de olhar, por favor. Todos olhem para o lado, faz de conta que ele não está aqui, pra eu poder conversar com ele um pouco.

**Rafael:** Eu tava muito nervoso e esse nervosismo durante o programa foi transparecendo de uma maneira muito forte, porque eu ficava... Eu ficava com um jeito...É muito vergonhoso! Ficava fazendo umas caras de tímido e rindo assim...

**Fernanda Lima:** Ô, Vivian, é o seguinte, como tão os dois "Rafaels", ou "Rafaéis", vamo... É, um eu vou chamar de Rafael... Tu, eu vou botar um apelido, pode?

**Rafael:** Manda aí.

**Fernanda Lima:** Topete?

**Rafael:** Topete? [ri de nervoso] Pode ser. Não, beleza. Tá legal.

**Fernanda Lima:** Ele tem um topetinho... Ou tu prefere algum outro apelido?

**Rafael:** Não, eu gostei de "Topete".

**Fernanda Lima:** Topete.

**Rafael:** Eu usava um topete com gel... eu vivia com gel. Era 24 horas no gel. Eu fazia um maldito topetinho assim, espetado, sabe?

**Bárbara:** Levava muito tempo esse look?

**Rafael:** Puta, levava um pouquinho... Eu lembro que de manhã acordava, ia comprar pão e passava o gel.

**Fernanda Lima:** Então pode sentar, Topete. Vamos para o próximo interessado...

**Bárbara Rubira:** O Rafael — ou melhor, o Topete — tava claramente nervoso, mais que a média ali.

**Rafael:** E eu não sei por que raios isso de uma certa forma conquistou a plateia. Então tudo que eu falava, com a minha timidez, a galera gostava.

**Bárbara Rubira:** Ele não tem celular...

Ele não tem desenvoltura em frente às câmeras...

Ele não tem interesse na querida...

Mas ele tem o povo!

**Fernanda Lima:** *Vamos começar aqui o jogo da verdade, com os quatro interessados. Preparados?*

**Bárbara Rubira:** E aí o Rafael tinha que andar naquela corda bamba: driblar o nervosismo, convencer a querida de que eles não eram um bom match, sem parecer um babaca completo. A estratégia que ele bolou foi tentar mostrar pra Vivian que eles não tinham nada em comum. "Ah, ela gosta disso? Então eu não gosto. Poxa, que pena!"

**Fernanda Lima:** *Rafael Topete. Tu tatuaria o nome da Vivian?*

**Rafael:** *Se eu tatuaria? Nossa, que chato! Tenho maior medo de agulha. Não é comigo, não, agulha.*

**Fernanda Lima:** *Porque a Vivian adora tatuagem...*

**Rafael:** *É?*

**Rafael:** Cara, hoje eu sou completamente cheio de tatuagens...

**Fernanda Lima:** *Fala aí, Rafael, o nome de uma banda que tu não gosta.*

**Rafael:** *Que eu não gosto... Não gosto de Charlie Brown, de CPM, de Detonautas, não gosto de nada atual!*

**Fernanda Lima:** *Tu gosta, Vivian?*

**Vivian:** *Putá, meu, eu gosto.*

**Fernanda Lima:** *E aí, se a Vivian te convidasse pra ir num show dessas bandas que ela gosta, tu iria com ela?*

**Rafael:** *Se pagasse pra mim... [risos] Se pagasse, eu ia.*

**Fernanda Lima:** *Só se pagasse?*

**Rafael:** *Só se pagasse.*

**Fernanda Lima:** *Então ele não iria no show contigo. Tá? Tudo bem? Ela ficou meio tristonha...*

**Bárbara Rubira:** Só pra deixar registrado: eu, uma baita fã de Charlie Brown Jr., tô com a Vivian nessa.

**Rafael:** Mas eu realmente não era muito fã mesmo.

**Vivian:** *Mas deixa eu perguntar aqui que banda que você mais curte assim?*

**Rafael:** *Eu curto Elvis. Elvis é o rei.*

**Fernanda Lima:** *Rafael gosta das bandas que já passaram...*

**Vivian:** *Mas daí que vem o topete?*

**Rafael:** *Não... eu gostaria de ter que nem o dele, mas o meu é mais espetadinho assim, mais bobinho.*

**Fernanda Lima:** *É, o dele é mais só na frente.*

**Rafael:** *Se tivesse que nem o dele... Putz, sucesso.*

**Bárbara Rubira:** Lembrando que a Vivian tava em outra parte do estúdio, e não conseguia ver o tal topete. Que não, não parecia em nada a cabeleira do Elvis. Tava mais pra integrante do \*NSYNC. Mas a plateia tava vendo o topete. E tava gostando.

**Fernanda Lima:** *Topete, tua vez! Topete, agora, vou chamar ele de Elvis. Topete, que música tu quer ouvir?*

**Vivian:** *Elvis tá muito aplaudido, hein?*

**Rafael:** Ou seja, mesmo falando as coisas pra ser contraditório, pra ser o oposto dela, eu fazia de um jeito que as pessoas começaram a dar risada e gostar e tudo mais...

**Bárbara Rubira:** O auge da popularidade do Rafael com a plateia foi uma hora em que ele cantou um trequinho de uma música do Elvis, a pedido da Fernanda Lima.

**Plateia e Vivian:** *Canta, canta, canta, canta!*

**Fernanda Lima:** *Então antes dele contar a historinha, canta só um trequinho de Elvis pra gente.*

**Rafael:** *It's now or never / Come hold me tight / Kiss me, my darling / Be mine tonight... Cabou!*

**Fernanda Lima:** *Aê!! Quem sabe faz ao vivo!*

**Rafael:** Eu canto "It's now or never", cara, muito vergonhoso aquilo... Aí eu canto e todo mundo começa a vibrar, a Fernanda Lima também começa a rir e dá mó apoio...

**Bárbara Rubira:** E talvez por isso, mesmo com as respostas todas erradas... O Rafael foi passando de fase no programa. Chegava a hora de eliminar um participante... e ele ficava. Sucesso total pra qualquer pretendente que realmente tivesse lá pelo mote do programa... mas não pro Rafael. Porque no meio de toda a

plateia vibrando com a performance dele, tinha uma pessoa que não tava gostando nada dessa história.

**Rafael:** A Elvira tava de frente assim pra mim. Né? Ela até ria, em algumas partes assim, mas quando eu ia passando de fase eu dava uma olhadinha para ela, eu só via ela assim... Ela tava com a mão ou o pé na arquibancada assim, apoiando nos braços assim, com a cabeça. Ela ficava olhando assim para mim, tipo muito brava... E eu ficando, ficando, ficando...

**Bárbara Rubira:** Quando o Rafael viu, já era a parte final do programa. E a decisão tinha ficado só entre ele e um outro pretendente.

**Rafael:** Puta, eu preciso ser eliminado agora, preciso ser eliminado agora!

**Bárbara Rubira:** E pra ser sincera, analisando bem, o outro cara foi muito melhor. Ele era melhor de xaveco, falava bem, parecia tá realmente interessado na querida, eles tinham coisas em comum...E eu não sei se foi a imagem do Elvis, ou a influência da plateia. Mas, na decisão final, a coisa desandou de vez.

**Fernanda Lima:** *A pergunta é... Com quem tu ficas?*

**Vivian:** *Com o Topete.*

**Fernanda Lima:** *Com o Topete! Parabéns, Topete!*

**Rafael:** Aí nessa hora eu olhei para Elvira, e a Elvira assim: "grrrr"...

**Bárbara Rubira:** Da plateia, a Elvira tava fuzilando o Rafael com os olhos. Porque ela já conhecia o formato do programa. E ela já sabia o que tava por vir.

**Rafael:** Porque nessa parte final, que que eles fazem? Eles colocam uma venda nos seus olhos, né? E você pergunta pra querida, no caso, a Vivi. "Vivi, fica comigo?". Se ela quisesse ficar comigo, ela me beijava na boca. Se não quisesse, dava um beijo na bochecha. Mas eu não queria arriscar essa parte! Eu falei: "Meu Deus, eu não posso arriscar! Vai que ela me beija na boca na frente da minha namorada!"

**Bárbara Rubira:** O Rafael precisava se livrar dessa o mais rápido possível. A boa notícia é que ele tinha um plano.

**Rafael:** Aí eu pensei do nada uma estratégia que acabou dando certo...

**Bárbara Rubira:** Num golpe de mestre, entre a gravação de um bloco e outro do programa, o Rafael tinha cutucado o outro finalista.

**Rafael:** Aí eu falei: "Mano, se liga, tá vendo aquela menina na plateia?" Aí eu aponto pra Elvira. "Tá vendo aquela menina lá? Pô, ela não para de me olhar, cara, tô achando ela mó gatinha assim, mó da hora..." E ela realmente devia tá olhando pra mim mesmo, mas com ódio, né? [risos]

**Bárbara Rubira:** Tava plantada a semente.

**Rafael:** E nisso, vamos ao quadro final. Eu morrendo de medo...

***Fernanda Lima:** Vivian, seguinte. Agora tu vai lá conhecer o Topete. Espero que vocês gostem, que eu goste dele, que dê certo, que vocês sejam muito felizes. O amor é lindo...*

**Bárbara Rubira:** A cena é a seguinte: É o ápice de todo episódio! Música de romance! O Rafael e a querida tão os dois em cima do palco, vendados, e a querida vai tirar a venda dela pra poder ver o escolhido dela pela primeira vez. Só que o Rafael não podia deixar a coisa chegar a esse ponto.

**Rafael:** Eu queria ser meio.... Realmente, eu fui participar, ganhei meu celular e fui embora. Acabou. Era só isso. Não queria que tivesse a proporção que teve...

***Fernanda Lima:** Rafael, difícil esse momento, né?*

***Rafael:** Não sei, tô meio desistente.*

***Fernanda Lima:** Desistente?*

**Rafael:** Eu começo a falar com uma voz muito fina, horrível: "Eu não sei..."  
[00:46:05]

***Rafael:** Eu não sei. Acho que não rolou uma combinação, assim.*

***Fernanda Lima:** Antes de beijar, tu acha?*

***Rafael:** Acho que é... Ah, não sei.*

**Rafael:** Aí começa a ficar mó doideira. Fica todo mundo sem entender...

**Fernanda Lima:** *Gente, o que que tá acontecendo nesse programa, hein? Alguém manda chamar a Polícia Militar aqui, por favor, pra me ajudar!*

**Bárbara Rubira:** Aqui eu preciso abrir um parênteses: tudo bem que o Rafael fez o que ele podia ali no palco pra não ser o escolhido... Mas a pobre da Vivian também não merecia a humilhação de ser rejeitada em rede nacional, né? Ela não tinha nada a ver com a história. E o cara supostamente tava ali porque tinha se interessado por ela...

**Rafael:** *Ô, desculpa aí, Vivian!*

**Fernanda Lima:** *Vivian!*

**Vivian:** *Eu descobri com quem ele quer ficar.*

**Rafael:** E foi a minha sementinha.

**Vivian:** *Não, eu ouvi uma voz do além aqui, que ele queria ficar com aquela menina ali que está com a mão no joelho ali? Ela sabe que é com ela...*

**Bárbara Rubira:** Da coxia, o outro finalista soprou pra ela que tinha uma menina na plateia que o Rafael tava interessado. O cochicho tinha dado certo. Aí a Vivian diz que também não queria ficar com ele mesmo, e nem com mais ninguém. Ela até que segura bem a pose, mas dá pra ver que ela ficou meio chateada, e com razão.

**Rafael:** Ficou um climão. Ah, uma curiosidade: eu na época do Orkut, eu procurei ela e acho que mandei uma mensagem de desculpas para ela, e ela não aceitou.

**Bárbara Rubira:** Isso depois, né? Na hora ali, pelo menos ela não saiu de mãos vazias...

**Fernanda Lima:** *Tá aqui um "kit blah", tem um telefone já aqui dentro. Se você quiser, mande uma mensagem, o apelido dela tá na sua tela...*

**Bárbara Rubira:** Aí a querida sai do palco e o programa vira do avesso. O Rafael continua lá...

**Fernanda Lima:** *O negócio é o seguinte, esse programa me surpreende a cada dia. É impressionante... A guria que ela falou que tu queria ficar é aquela lá que tá com a mão no joelho. Quer? [plateia grita] Vem cá.*

**Bárbara Rubira:** Nisso, a Elvira desce da plateia pro palco, sorrindo, mas meio encabulada.

**Fernanda Lima:** *Como é que é o teu nome?*

**Elvira:** *Elvira.*

**Fernanda Lima:** *Tu já viu ele antes?*

**Elvira:** *Não, nunca... [ri].*

**Fernanda Lima:** *Nunca.*

**Rafael:** *É Elvira?*

**Fernanda Lima:** *É? Não sabe nem o nome... Tu tinha visto ela na plateia?*

**Rafael:** *Vi, achei ela muito bonita.*

**Fernanda Lima:** *Então vamos colocar uma música. DJ! Capricha aí! Não deve ter Elvis aqui, ele não trouxe...*

**Rafael:** Aí em vez de fazer a versão final de beijar a Vivi, eu faço com a Elvira...

**Fernanda Lima:** *Elvira, de uma hora pra outra, ela virou a querida do nosso programa. Fala pra ela o nome desse programa.*

**Rafael:** *Elvira.... Fica comigo?*

**Rafael:** Aí ela vai lá, tira minha venda e me dá mó beijão. A Fernanda Lima faz um coração assim. E encerra o programa.

**Rafael:** Aí a gente tava indo embora, na saída do programa e tudo mais... Nisso, sobe um cara que ele era... eu sempre via ele nos bastidores, um produtor, eu acho. A gente tava descendo a escada, ele subiu correndo assim e falou assim: "Vocês se conhecem??", a gente "Não, não!" "Fala a verdade, cês se conhecem???", e o olho dele esbugalhado assim. Eu: "não,



a gente não se conhece não". Acho que ele devia ter pesquisado alguma coisa...

**Bárbara Rubira:** Lembra? A Elvira tinha ido pra plateia como um dos acompanhantes que o Rafael podia levar pra gravação do programa. Eu imagino que ali, no estúdio, eles não tinham mais o controle exato de quem era o acompanhante de quem, quem tava sentado onde e tudo mais... E o Rafael e a Elvira mantiveram a história de que não se conheciam até o fim. Mas foi só quando já tavam os dois no metrô, indo pra casa, longe de todo mundo, que eles finalmente respiraram aliviados. E puderam rir um pouco da coisa toda. Porque no fim, deu tudo errado, né? Mas... deu tudo certo.

**Rafael:** Mas deu certo. De uma certa forma... Causei no programa, mas ganhei meu celular. Meu namoro ficou em dia...

**Bárbara Rubira:** No final das contas, a missão foi cumprida. Ele ganhou o tão sonhado celular. Um Nokia 3310, versão 2000. Aquele pequenininho, mas pesado, azulzinho, indestrutível.

**Rafael:** E ele, para minha surpresa, além da função de ter jogo de cobrinha, ele tinha um jogo de navinha, um jogo incrível de navinha assim, sabe? Aqueles jogos que cê vai com a navinha voando e atirando e passava de fase... Todo mundo queria olhar o celular, mexer... "Pô, deixa eu jogar esse joguinho aí?" Eu: "Claro". Aí então virou um sucesso. O mais louco é que foi o seguinte: o programa demorou pra passar. Demorou muito, demorou muito, Tipo, meses depois. Não foi tão rápida. Eu já estava sim, estava descrente. Eu achava que, pelo que eu fiz, que eles não iam passar o programa.

**Bárbara Rubira:** Mas passou. Uns meses depois, o Rafael chegou em casa do trabalho e a irmã dele contou que a participação dele tinha ido ao ar na MTV. E ela tinha gravado tudo em VHS, pra ele poder ver e rever depois. Foi o próprio Rafael quem subiu o vídeo no YouTube uns anos atrás. O link tá lá no post desse episódio no site da Rádio Novelo. Mas toda essa história dos bastidores, que ele contou aqui, ele nunca tinha revelado pra nenhum curioso nos comentários, tá? A gente ouviu em primeira mão.

**Rafael:** E ficou tudo bem com a Elvira, também, não teve problemas, tudo mais...

**Bárbara Rubira:** Eu queria muito ter ouvido também da Elvira como foi toda essa confusão da perspectiva dela. Por que que ela topou essa loucura, como foi pra ela tar vendo tudo ali, da plateia, e depois do palco, do nada. Mas infelizmente, a Elvira faleceu há alguns anos, por complicações relacionadas à diabetes. Ela e o Rafael ainda ficaram um bom tempo juntos depois do programa. Foi um namoro adolescente bem longo. E ele até hoje lembra da relação deles com muito carinho.

**Rafael:** Mas acho que entre idas e voltas assim, totalizou mais ou menos uns dez anos de namoro. Foi uma boa parte da vida. Sim, tivemos muitas, muitas histórias, né? E essa com certeza foi uma delas.

**Bárbara Rubira:** A história de quando o Rafael ludibriou a MTV, a Fernanda Lima, e os telespectadores brasileiros... pra realizar o sonho de ter um celular com jogo da cobrinha pra chamar de seu. Eu imagino que hoje, com a verdade revelada, a MTV não vá atrás do Rafael a fim de acertar as contas. Primeiro porque a emissora daquela época nem existe mais. E segundo porque já se passaram 20 anos. O "crime" já deve ter prescrito. Mas, se alguém se sentiu lesado nessa história toda, vale dizer que talvez o karma já tenha cuidado disso...

**Rafael:** Um dia eu estou lá com a Elvira, com uns trocadinhos no bolso e vamos passear no shopping. Rolê de jovem, né? Aí dois moleques saem de uma trilha lá alternativa.... E me assaltaram, e levaram o meu celular da Nokia do "Fica Comigo". Eu fiquei muito triste, cara, fiquei "Pô, o celular do Fica Comigo, eu passei por tanta coisa por ele...". E a Elvira falou "pô, mano, é foda". Acho que é consequência divina isso aí, né?

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pela Bárbara Rubira.

Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem belas imagens da jiboia Giba/Gertrudes/Gigi, e um link pra conferir, na íntegra, a performance do Rafael no "Fica Comigo".

Lá no site da Rádio Novelo, a gente também tem uma seção chamada "envie uma pauta", caso você queira sugerir uma história pra gente contar aqui no podcast.

E, se você quiser receber um lembrete no seu e-mail toda vez que tiver episódio novo no ar – e de quebra ainda ficar sabendo dos livros, filmes e afins que a nossa equipe anda curtindo, aproveita pra assinar a nossa newsletter.

E eu vou lembrar aqui de novo que os episódios do Rádio Novelo Apresenta são disponíveis nos principais aplicativos de áudio.

Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music... Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento. E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Brigada, e até a semana que vem.